

# 1 Introdução

A questão que se impõe e que permeia toda esta pesquisa é uma das mais instigantes e uma das mais misteriosas para o ser humano, a saber: qual a natureza de nossa consciência e que lugar ela ocupa no mundo?

Instigante porque compreender o fenômeno da consciência<sup>1</sup> (entendida aqui como “vida interna experienciada”<sup>2</sup>) é, de certa forma, compreender o que fundamenta a nossa existência – a sensação interna de ser um organismo ou sujeito – e o que, à primeira vista, nos distingue das coisas ditas “inanimadas”, como pedras e parafusos.

É também misteriosa, pois parece haver um profundo hiato explanatório entre o físico e o mental. De fato, do ponto de vista interno, de primeira pessoa, não há nada de mais central, familiar e próximo do que a consciência: ela é o “mar no qual nadamos”;<sup>3</sup> no entanto, do ponto de vista externo, objetivo, de terceira pessoa, a presença de consciência no mundo físico é algo altamente surpreendente e misterioso: por que o cérebro, um aglomerado de neurônios em atividade, é acompanhado de experiência? Por que toda essa atividade estritamente física não ocorre no escuro?

A investigação da natureza da consciência em filosofia da mente tem enfrentado, portanto, sérios paradoxos epistemológicos gerados pela tensão entre os pontos de vista subjetivo e objetivo. Nas palavras de Thomas Nagel e de David Chalmers:

Uma das mais fortes motivações filosóficas é o desejo de obter uma imagem abrangente da realidade objetiva, já que é fácil supor que está é a única coisa que realmente existe. Mas a própria noção de realidade objetiva já nos garante que tal

---

<sup>1</sup> O termo “consciência” é ambíguo, podendo referir-se a diversos fenômenos mentais (ver seção 2.2). Neste trabalho e na obra de David Chalmers, porém, o que é central à noção de consciência é a experiência. O termo possui, portanto, o mesmo sentido utilizado por Thomas Nagel (1974), segundo o qual consciência é “como é ser aquele ser”. O tipo de consciência que aqui nos interessa é, portanto, a consciência fenomenal em seus aspectos qualitativos subjetivos (*qualia*).

<sup>2</sup> CHALMERS, D.J., *The conscious mind*, p. xvii.

<sup>3</sup> VELMANS, M., *Understanding consciousness*, p. 3.

imagem não conterà tudo; somos nós mesmos o primeiro obstáculo a essa ambição.<sup>4</sup>

Mesmo que conhecêssemos cada detalhe sobre a física do universo – a configuração, causação e evolução de todos os campos e partículas do universo espaço-temporal – *essa* informação não nos levaria a postular a existência da experiência consciente.<sup>5</sup>

Apesar de experimentarmos o mundo como sujeitos, no mundo descrito por uma ciência objetiva, não há lugar para um centro privilegiado ou um sujeito – um ponto de vista específico –, tampouco para experiências ou sensações internas. Desde Descartes, o mundo subjetivo foi relegado ao âmbito da teologia ou da filosofia, mantendo-se fora do escopo das ditas ciências duras, as quais demonstraram um incontestável desenvolvimento nos últimos séculos – a tal ponto que, nos últimos cem anos, os “filósofos-cientistas” têm tentado basicamente se livrar das qualidades fenomenais da consciência (*qualia*), mostrando que estas são, em última instância, redutíveis a fatos físicos, ou mesmo negando a existência da consciência, como o fez Daniel Dennett em *Consciousness explained*.

Apesar da predominância do projeto reducionista no estudo da consciência, subsistem certos filósofos, como o australiano David J. Chalmers, autor de *The conscious mind*, que defendem alguma forma de existência ontológica da consciência, sustentando o dualismo ou outras posições não reducionistas. Em seu livro, Chalmers reúne e discute os principais argumentos em filosofia da mente contra a doutrina materialista,<sup>6</sup> enriquecendo a velha discussão com novos argumentos e comentários. Apoiando-se, principalmente, em argumentos modais acerca da conceitabilidade de um mundo fisicamente idêntico ao nosso, mas sem consciência (mundo zumbi), Chalmers conclui que a consciência escapa a explicações reducionistas e que é preciso considerá-la como uma nova propriedade fundamental do universo, ontologicamente distinta das propriedades físicas, para que então a ciência possa desenvolver uma teoria completa do mundo.

<sup>4</sup> NAGEL, T., *Visão a partir de lugar nenhum*, p. 17.

<sup>5</sup> CHALMERS, D.J., op. cit., p. 101 (grifo do autor).

<sup>6</sup> Materialismo ou fisicalismo é entendido aqui, em linhas gerais, como a doutrina segundo a qual, em última instância, tudo no mundo é físico, incluindo a consciência. Ou seja, fatos físicos, em certo sentido, esgotam todos os fatos acerca do mundo. Cf. *Ibid.*, p. 41.

Nos últimos anos, Chalmers tornou-se um dos mais influentes autores da nova geração em filosofia da mente. Seu livro, *The conscious mind: in search of a fundamental theory*, publicado em 1996 pela Oxford University Press, recebeu elogios de muitos filósofos importantes da área, tais como Colin McGinn e David Lewis, mas também recebeu, naturalmente, severas críticas de outros filósofos aclamados, como John Searle, Daniel Dennett e outros, devido principalmente à sua posição dualista.

Seu artigo “Facing up to the problem of Consciousness”, de 1995, publicado no *Journal of Consciousness Studies*, recebeu uma atenção surpreendente por parte dos estudiosos da consciência. A discussão deu origem a um simpósio, publicado pela MIT Press, intitulado *Explaining consciousness: the hard problem*. Como sugere o título da coletânea, o sucesso do artigo deveu-se em grande parte à formulação da expressão “problema difícil” da consciência, em contraposição ao “problema fácil”, trazendo à tona as ambigüidades do termo *consciência*. Como reconhece o próprio autor, essa distinção não é nenhuma novidade, mas parece que, ao receber um nome, o problema difícil ganhou força, tornando-se explícito e inevitável.

O problema difícil diz respeito à experiência, às qualidades subjetivas da consciência (*qualia*) ou consciência fenomenal. Trata-se do problema central da consciência, o mais misterioso, que se mantém a despeito do impressionante progresso da física e das ciências cognitivas. O problema difícil está associado à questão de como e por que o funcionamento cognitivo é acompanhado de experiência. Já os problemas fáceis são assim chamados por terem “caráter de quebra-cabeças em vez de mistérios”,<sup>7</sup> por serem diretamente suscetíveis aos métodos usuais das ciências cognitivas, que explicam fenômenos em termos de mecanismos computacionais ou neurais. No estudo da consciência, os problemas fáceis tratam de fenômenos como a habilidade de discriminar estímulos, de reportar informações, de monitorar estados internos ou de controlar o comportamento. Dada a complexidade dos problemas técnicos envolvidos, não se trata de problemas fáceis de serem resolvidos. Todavia, nesse caso, parece haver claramente um programa de pesquisa a ser seguido e os problemas metafísicos são relativamente poucos.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Ibid., p. 24.

<sup>8</sup> Cf. Ibid., p. 24-25.

Desde então, Chalmers publicou diversos artigos nas áreas de filosofia da mente, ontologia, filosofia da linguagem e ciências cognitivas, tendo sido organizador de uma coletânea de textos de filosofia da mente, intitulada *Philosophy of mind: classical and contemporary readings*, lançada em 2002, também pela Oxford. É um dos organizadores das conferências bianuais sobre a consciência realizadas em Tucson e do website *MindPapers*, o qual reúne mais de 18 mil artigos relacionados à consciência.

Após muitos anos tentando defender o materialismo, Chalmers convenceu-se de que as teorias físicas não são suficientes para explicar a consciência. Em muitos domínios, estruturas e funções são bem-sucedidas na explicação de muitos fenômenos de nível mais alto, como no caso de fenômenos como o calor, a luz, a digestão, a reprodução etc. Entretanto, Chalmers considera a consciência um caso à parte, pois, segundo o autor, as teorias físicas, por serem especificadas em termos de estruturas e funções, nunca serão capazes de explicar o aspecto fenomenal da consciência, já que deixam de lado a experiência.

Para Chalmers, a consciência é um tema que se situa na interface entre a ciência e a filosofia. Assim como a vida, o movimento e a cognição, a consciência constitui um fenômeno natural a ser estudado pela ciência. No entanto, sua investigação requer uma nova metodologia, pois os métodos científicos usuais falham na tentativa de melhor observá-la, principalmente em seu aspecto experiencial, de primeira pessoa.<sup>9</sup> Se do ponto de vista interno, subjetivo, poderíamos dizer que não há nada que nos seja mais próximo e direto do que consciência; do ponto de vista externo, objetivo, carecemos completamente, porém, de métodos científicos diretos para detectá-la ou medi-la. O máximo que podemos fazer é inferir sua presença em outras pessoas a partir de dados comportamentais, cerebrais ou funcionais, mas nunca saberemos ao certo – esse problema epistemológico é conhecido como o “problema das outras mentes”.

Não obstante a força intuitiva que possa ter para alguns a tese de que a consciência existe e é ontologicamente distinta do físico, em filosofia não bastam fortes intuições, estas podem muitas vezes estar erradas. Sobretudo, é preciso fortes argumentos. Daí a preocupação de Chalmers em desenvolver e explorar detalhadamente três tipos de argumentos contra o materialismo, já bastante

---

<sup>9</sup> Cf. *Ibid.*, p. xiv.

conhecidos em filosofia da mente. Cada argumento corresponde, segundo o autor, a uma via de abordagem diferente. O argumento explanatório apela para a análise dos conceitos envolvidos, tentando mostrar que nenhuma análise do conceito de consciência permite uma implicação do físico ao fenomenal. O argumento do conhecimento, por sua vez, parte de considerações epistemológicas acerca da assimetria entre o conhecimento de primeira e terceira pessoa, evidenciando o hiato entre o conhecimento dos fatos físicos e o conhecimento da consciência. Finalmente, o terceiro argumento, da conceptibilidade, apela para considerações modais acerca do que é concebível a fim de demonstrar a possibilidade lógica de uma situação em que os fatos físicos são os mesmos que em nosso mundo, mas os fatos fenomênicos são diferentes.

Em seu livro, após concluir que o materialismo é falso, Chalmers tenta fornecer um esboço de uma teoria não reducionista da consciência, cujo objetivo final seria chegar a leis psicofísicas fundamentais. Para tanto, o filósofo apóia-se em dois princípios gerais, que expressam regularidades entre a consciência e os processos físicos. O primeiro deles é o princípio de coerência, segundo o qual haveria uma coerência notável entre a consciência e a estrutura cognitiva. A noção funcional associada à consciência seria *awareness* – “disponibilidade direta para controle global”<sup>10</sup>. O segundo, o princípio da invariância organizacional, declara que dois sistemas com a mesma organização funcional terão experiências qualitativamente idênticas. Esse princípio é bastante controverso, já que prevê a emergência da consciência em quaisquer meios materiais, desde que simule o mesmo padrão abstrato da interação causal entre os componentes do cérebro, por exemplo. O terceiro princípio é o mais fundamental, já que os primeiros lidam com princípios menos básicos, como “organização” e “*awareness*”. De acordo com este princípio, toda informação<sup>11</sup> tem dois aspectos básicos, um aspecto físico e outro fenomenal.

Embora teorias da consciência constituam um tema de estudo muito interessante, não serão abordadas aqui por se afastarem do objetivo deste trabalho, qual seja: avaliar, com base nos argumentos apresentados na obra de Chalmers e de outros filósofos, se é realmente preciso desistir do materialismo para darmos

---

<sup>10</sup> Id., “Facing up to the problem of consciousness”, p. 16.

<sup>11</sup> O conceito de informação utilizado é inspirado no trabalho do matemático Claude Shannon, pai da “teoria da informação”.

conta do fenômeno da consciência. Os três argumentos contra o materialismo são estudados no terceiro capítulo, após um capítulo preliminar que, além de apresentar um breve histórico filosófico do problema, discute algumas noções-chave para os capítulos subsequentes. No quarto e último capítulo, são discutidas algumas das alternativas não materialistas mais promissoras para tratar do problema da relação entre duas propriedades (ou substâncias) ontologicamente distintas. Este último capítulo figura como um apêndice necessário para avaliarmos a necessidade de se abdicar do materialismo, já que muitos se atêm a esta doutrina tão somente por considerarem insustentáveis as demais posições.